



ELEIÇÕES

Malabarismo para Bolsonaro ter PALANQUES

PL se equilibra entre acordos locais e apoio ao presidente e se desdobra para dar visibilidade à campanha para a reeleição ao Palácio do Planalto. Principal fator de complicação está no Nordeste, onde caciques locais têm outros interesses

» VINICIUS DORIA

Pablo Valadares/Agência Câmara

Quando Jair Bolsonaro anunciou a filiação ao PL, em abril, o partido de Valdemar Costa Neto (SP) comemorou. Muitos bolsonaristas acompanharam o presidente da República e migraram para o partido, que passou a deter a maior bancada da Câmara dos Deputados, com 73 parlamentares. Desempenho que alimentou a expectativa de palanques robustos nos estados para dar suporte à campanha de reeleição do presidente. Mas a realidade tem se mostrado mais complexa. Mesmo onde o apoio ao chefe do Executivo é forte, o PL não se estabelece como principal catalisador das forças de direita, seja por falta de nomes, seja por conveniências locais.

Em dois estados de interesse dos caciques do Centrão, por exemplo, as disputas locais prevaleceram sobre a necessidade de oferecer palanques fortes a Bolsonaro. Em Alagoas, a tendência do PL é apoiar o senador Rodrigo Cunha (União Brasil), que tem o respaldo do presidente da Câmara, Arthur Lira (PP), para enfrentar o emedebista Paulo Dantas. Favorito nas pesquisas, o recém-eleito governador abriu palanque para Luiz Inácio Lula da Silva (PT) em uma grande frente que une partidos da esquerda à direita, sob a bênção do clã Calheiros, do senador Renan (MDB) e do ex-governador Renan Filho (MDB), inimigos políticos de Lira. Cunha, por sua vez, prefere não se comprometer politicamente com o bolsonarismo e evita colar a própria imagem à do presidente.

Cenário semelhante está se formando no Piauí, do ministro-chefe da Casa Civil, Ciro Nogueira, um dos principais caciques do Centrão. O PP vai acompanhar a pré-candidatura do União Brasil ao governo do estado, com Sílvio Mendes. Mas ele já declarou que não abrirá palanque para Bolsonaro. Por isso, o PL deve lançar



Altineu: o PL será "200% Bolsonaro". Ele garante que, apesar de faltarem costuras, partido não permitirá aliados descolados do presidente

chapa própria apenas para acolher o presidente. "Será uma campanha de contenção de danos", disse um interlocutor de Ciro. "O objetivo, lá, é tirar o PT, que está há 20 anos no poder. É o PT que quer nacionalizar a eleição no estado, mas o candidato do PL não entrará na polarização", complementou.

Baixa visibilidade

Para dar projeção a Bolsonaro no Nordeste, o PL articula algumas candidaturas com pouca viabilidade eleitoral. É o caso do Ceará, que estuda lançar o ex-deputado federal Raimundo Gomes de Matos, mas a ala ligada ao presidente Bolsonaro defende o apoio ao deputado federal Capitão Wagner (União Brasil), que organiza uma ampla aliança para

enfrentar o PDT, principal força do estado e base do pré-candidato Ciro Gomes.

Em Pernambuco, o ex-prefeito de Jaboatão dos Guararapes Anderson Ferreira deve assumir a candidatura ao governo do estado só para dar suporte à eleição do ex-ministro do Turismo Gilson Machado, que tentará uma vaga ao Senado. Mas a legenda encontra dificuldade para formar alianças. É o mesmo problema que o partido enfrenta na Bahia. O candidato de Bolsonaro ao governo é o ex-ministro da Cidadania João Roma, que não ainda não conseguiu costurar alianças. As forças da centro-direita baiana — incluindo PP e Republicanos, da base do governo federal — estão fechadas com a pré-candidatura de ACM Neto (União Brasil), que não pretende

declarar apoio a nenhum dos candidatos à Presidência que lideram as pesquisas de opinião. Ele vai de Luciano Bivar, presidente do União, um nome que não atrapalha os acordos locais.

Na Paraíba, o PL apresentou uma chapa puro-sangue, liderada pelo jornalista Nilvan Ferreira, para enfrentar o palanque do MDB, aliado de Lula no estado. No Maranhão, o partido lançou o deputado federal Josimar Maranhãozinho, mas estuda se aliar ao PSC e ao PTB, sem protagonismo. Em Sergipe, a aposta é lançar o ex-prefeito de Itabaiana Valmir de Francisquinho ao governo do estado, porque as demais legendas conservadoras tendem a acompanhar o pré-candidato do PSD, deputado federal Fábio Medtieder, também simpático a Lula.

O líder do PL na Câmara,

deputado Altineu Côrtes (RJ), disse ao **Correio** que, independentemente dos arranjos estaduais, o PL será "200% Bolsonaro", e que as divergências serão resolvidas até as convenções. "Bolsonaro é nosso comandante, nós não vamos permitir que nenhum aliado se descole dele", garantiu. "O partido está muito bem estruturado no Brasil inteiro. Temos mais de 15 candidatos ao Senado, mas é natural que tenha locais em que a gente ainda precisa avançar (nas negociações)", avalia.

Côrtes cita como exemplo de boa articulação o apoio do PL à pré-candidatura de Tarcísio de Freitas (Republicanos) ao governo de São Paulo, o maior colégio eleitoral do país. O ex-ministro da Infraestrutura tenta atrair para a aliança o apresentador José



O partido está muito bem estruturado no Brasil inteiro. Temos mais de 15 candidatos ao Senado, mas é natural que tenha locais em que a gente ainda precisa avançar"

Altineu Côrtes, líder do PL na Câmara

Luiz Datena (PSC) — favorito nas pesquisas para a única vaga ao Senado em disputa. Ao PL, caberá a indicação do candidato a vice-governador. "Tudo devidamente acertado antes", frisou Côrtes.

O palanque mineiro também está encaminhado. O partido do presidente lançou o líder do governo no Senado, Carlos Viana, para a disputa ao governo estadual, e o ex-ministro do Turismo Marcelo Álvaro Antônio ao Senado. Para a vaga de vice, o PL flerta com o PP. Situação semelhante à do Espírito Santo, que tem o ex-deputado federal Carlos Manato (PL) como postulante à sucessão do governador Renato Casagrande (PSB), acompanhado pelo ex-senador Magno Malta (PL), que tentará voltar à Casa. O vice é moeda de negociação.

No Rio de Janeiro, porém, a aposta é de protagonismo do PL, com a candidatura à reeleição do governador Cláudio Castro (PL), que terá como companheiro de chapa um nome do MDB, o ex-prefeito de Duque de Caxias Washington Reis. A vaga ao Senado ainda está indefinida, mas o partido tende a bancar a tentativa de reeleição de Romário, ex-craque do Flamengo e do Vasco.

Situação no Sul e no Centro-Oeste está mais clara

Na Região Sul, por exemplo, o apoio à reeleição do presidente Jair Bolsonaro (PL) é farto e pode proporcionar ao presidente mais de um palanque. É o caso do Rio Grande do Sul, onde o presidente terá como aliado de partido o ex-ministro Onyx Lorenzoni (PL), em provável chapa com o vice-presidente Hamilton Mourão (Republicanos) como candidato a vice. Mas poderá subir também no palanque do Centrão, que lançou ao governo gaúcho o senador Luiz Carlos Heinze (PP), apoiado pelo PTB de Roberto Jefferson.

O senador Jorginho Mello (PL), pré-candidato ao governo, e o ex-secretário da Pesca Jorge Seif, que disputará o Senado, serão os anfitriões de Bolsonaro em Santa Catarina. A vaga de vice ainda está em negociação, com preferência para o PP, do cacique local Esperidião Amin (PP). No Paraná, a tendência do partido de Bolsonaro é indicar o candidato a vice ou ao Senado na chapa do governador Ratinho Jr. (PSD), que concorre à reeleição.

Com grande influência do agronegócio, o Centro-Oeste é a região em que o PL se sente mais confortável para compor alianças que assegurem palanques leais a Bolsonaro. No Distrito Federal, o partido tenta emplacar a candidatura da ex-ministra da Secretaria de Governo Flávia Arruda (PL) ao Senado. Ela deverá subir no palanque de reeleição do atual governador, Ibaneis Rocha (MDB), que também anunciou preferência por Bolsonaro, apesar de o partido ter lançado a senadora Simone Tebet (MS) à Presidência. O problema é que a ex-ministra Damarens Alves (Republicanos) também entrou no páreo e embaralhou as cartas. A vaga de vice está na mesa de negociação política.

Em Goiás, as opções são, por enquanto, a pré-candidatura do deputado federal Major Victor Hugo (PL-GO) ao governo. Ou uma coligação com o atual governador, Ronaldo Caiado (União), que negociou com o MDB a vaga de vice. Caiado chegou a se afastar de Bolsonaro

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press - 3/9/21



por discordar das posições do governo durante a pandemia de covid-19, mas ensaia a reaproximação.

Em Mato Grosso, o senador Wellington Fagundes (PL) vai

para a reeleição. Só falta definir com quem. Se em uma composição com o governador, Mauro Mendes (União) — que já declarou apoio a Bolsonaro — ou em chapa própria.

Leopoldo Silva/Agência Senado



Onyx Lorenzoni (E) é um dos palanques de Bolsonaro no Rio Grande do Sul. O outro é Luís Carlos Heinze, que também postula o Palácio Piratini

o ex-secretário de Infraestrutura Eduardo Riedel (PSDB) como pré-candidato à sucessão do atual governador, Reinaldo Azambuja (PSDB).

No Pará, diante do amplo favoritismo do atual governador, Helder Barbalho (MDB), que também aglutinou um vasto leque de apoios, o PL teve que lançar o senador Zequinha Marinho ao governo e o ex-senador Mário Couto ao Senado para dar palanque a Bolsonaro. No Amazonas, o partido está comprometido com a reeleição do governador Wilson Lima (União Brasil), com o coronel Alfredo Menezes (PL) candidato ao Senado. (VD)